



PARAR O BOMBARDEIO, PARAR O GENOCÍDIO

A Faixa de Gaza neste momento, onde vivem mais de 2,3 milhões de palestinos, está sendo bombardeada todos os dias. Foram mais de 20 dias de bombardeio intenso, 200 mil habitações foram destruídas, mais de 7 mil pessoas assassinadas, dentre essas mais de 3 mil crianças. O território está bloqueado por todos os lados, apenas 63 caminhões entraram com ajuda humanitária, contudo em um dia comum entram 104 caminhões apenas com alimentos. O combustível acabou, até os hospitais estão sem energia. Esse é o genocídio que acontece agora na Faixa de Gaza.

Contudo, antes do dia 7 de outubro a população não possuía nada próximo de uma vida digna. A Faixa de Gaza já estava sendo bloqueada por Israel desde o ano de 2005, a política dos israelenses é tão brutal que Gaza se transformou em um verdadeiro campo de concentração a céu aberto. Em determinados momentos, Israel contabilizava o mínimo de calorias possíveis para adentrar o território e definiu isso como base para a entrada de alimentos.

Esse campo de concentração

existe, pois o território dos palestinos nos entornos de Gaza foi ocupado militarmente por Israel e todos foram empurrados para viver nessa Faixa que é menor que algumas cidades brasileiras em extensão de território. Os bombardeios por sua vez não começaram em 2023, desde o ano de 2006 eles acontecem com muita frequência. A opressão em Gaza no entanto é muito mais antiga, existe desde o início da ocupação militar, que começou no ano de 1948.

O bombardeio atual é, no entanto, o mais violento da história da Palestina. Mais bombas foram jogadas em Gaza em uma semana do que em anos inteiros da guerra no Afeganistão. Somando toda a potência das bombas jogadas em Gaza em 20 dias se alcança a potência da própria bomba atômica jogada pelos EUA em Hiroxima na Segunda Guerra Mundial. A atual situação na Faixa de Gaza é a de um dos maiores massacres da história da humanidade, é um verdadeiro genocídio que acontece. Caso não haja nenhuma intervenção e Israel continue suas ações, o país pode cometer o maior crime do século XXI.

QUEM SÃO OS RESPONSÁVEIS PELO GENOCÍDIO

São os sionistas aqueles que realizam esse crime contra a humanidade em Gaza. Não apenas o próprio Estado de Israel, mas também os países imperialistas que o financiam e o defendem. Em primeiro lugar os Estados Unidos e depois a Inglaterra, a França e a Alemanha. Eles assinaram em baixo do genocídio que está acontecendo. No dia seguinte que Israel bombardeou um hospital e assassinou 500 pessoas, Joe Biden, o presidente dos EUA, esteve na capital de Israel declarando apoio total ao massacre. Um dia depois, de volta aos EUA, ele disse que faria o maior financiamento de armas da história para Israel.

Os primeiros-ministros da Inglaterra e da Alemanha e o presidente da França também

visitaram Israel desde o dia 07 de outubro e assinaram embargo do massacre. Os EUA além de financiar as armas vetou na ONU todas as propostas de cessar-fogo para que se entre com ajuda humanitária. Em contrapartida, propuseram que "Israel

tem o direito de se defender", ou seja, de massacrar a população da Palestina. O Estado de Israel, na prática, é o 51º Estado dos EUA, só que no Oriente Médio. É uma base militar para que o imperialismo controle os países árabes e o petróleo.

A IMPRENSA BURGUESA É UMA MENTIRA

Enquanto o massacre acontece em Gaza, com uma criança morrendo a cada 15 minutos, um outro exército existe para proteger Israel, o da imprensa burguesa. E dado que a situação é de uma calamidade total apenas há uma forma de defender os sionistas, montar uma verdadeira indústria de mentiras. Nada que a imprensa burguesa fala nesse momento merece um pingão de confiança. Enquanto 500 pessoas são assassinadas todos os dias por Israel, defendem esse massacre sem parar.

A sua principal arma é o "combate ao terrorismo", o que é uma grande farsa. O Hamas, que eles acusam de serem terroristas, na realidade é o partido político mais popular da Palestina. Isso é uma realidade tão clara que nem o Brasil e nem mesmo a ONU consideram o Hamas como uma organização terrorista. Quem então alega que o Hamas é terrorista? Os EUA e a União Europeia, os mesmos responsáveis por todas as guerras e massacres no Oriente Médio.

Hamas é uma sigla para Movimento de Resistência Islâmica. Ele é o partido mais popular da Palestina pois o povo vive uma ocupação militar há 75 anos e é justamente esse partido que denuncia isso e trava a luta, de armas na mão, contra o exército sionista que ocupa a Palestina. Ignorar a realidade da ocupação e chamar o Hamas de terrorista é um completo absurdo, só pode ser dito por alguém mal informado ou muito

mal-intencionado. Quando o Talibã lutava contra a União Soviética eram chamados "guerreiros da liberdade", mas quando passaram a lutar contra a invasão dos EUA, tornaram-se terroristas.

A imprensa inventa todas as piores atrocidades sobre o Hamas. Inventaram que eles decapitaram 40 bebês, uma mentira escabrosa. Inventaram que massacraram a população civil, contudo depois de 20 dias vários relatos de prisioneiros israelenses libertos mostram que o Hamas é muito mais civilizado que Israel. Até o momento não há sequer um relato de maltrato ou crime de guerra. Eles estão soltando os reféns que têm idade, mães etc, por não serem alvos militares. Enquanto isso, Israel sequestrou mais de 7 mil palestinos desde o início do confronto, pelo menos 2 deles já foram torturados e assassinados.

Os palestinos não aguentam mais viver sobre a brutal ocupação militar de um povo estrangeiro. Eles lutam por sua libertação, para ter o direito às suas terras, o direito de viver em paz. E quem leva adiante essa luta é o Hamas. Esse é o verdadeiro motivo de tantos ataques a essa organização, é porque quem trava a luta pela causa da Palestina é o Hamas. A imprensa ataca o Hamas também pois ele é o único argumento para justificar o genocídio em Gaza. Se o Hamas for percebido, como de fato é, como organização legítima dos palestinos então Israel não tem nem mesmo argumentos para justificar a carnificina.



PALESTINA-ISRAEL, A HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO MILITAR

Uma das ferramentas da imprensa burguesa para diminuir o apoio à Palestina é complicar uma história que pode ser explicada em poucos parágrafos. O território da Palestina era habitado por árabes há mais de mil anos. Os árabes são uma etnia e não uma religião, portanto, antes da criação do Estado de Israel, lá habitavam muçulmanos, em maioria, cristãos e judeus. A Palestina não era um país independente, por séculos ela foi uma colônia dos turcos (otomanos) e, depois que eles foram derrotados na 1ª Guerra Mundial, virou uma colônia dos ingleses. Esse é o momento que começa o processo da criação de Israel.

Um setor da comunidade de judeus da Europa criou o movimento sionista que consistia na tese de imigrar para a Palestina, que eles chamavam de Israel, e eventual-

mente criar um Estado judeu. Esse setor eventualmente ganhou amplo apoio dos ingleses, pois, por meio desses europeus na Palestina, seria possível aumentar a influência política no Oriente Médio - nesse momento o petróleo já havia se tornado muito importante. Após décadas de migração e com o fim da Segunda Guerra Mundial, o imperialismo da Inglaterra finalmente impôs a política do sionismo e foi a força que de fato permitiu a criação do Estado judeu. Assim, em 1948, criou-se o Estado de Israel.

Imediatamente se iniciaram as guerras. Não só os palestinos como todos os árabes consideraram um absurdo uma população de europeus invadir e tomar as terras de centenas de milhares de pessoas. Os israelenses realizaram uma verdadeira limpeza étnica dos palesti-

nos, estima-se que ao menos 700 mil pessoas foram expulsas de suas terras para a criação do Estado de Israel. Os europeus invasores eram tão agressivos que roubaram até mais terras do que o roubo que havia sido definido pela ONU. Um ponto crucial é que Jerusalém, cidade sagrada para os muçulmanos, deveria se manter neutra. Mas os sionistas europeus fizeram questão de ocupar também essa cidade.

Daí em diante, a história é de 75 anos de opressão do povo palestino. Alguns se mantiveram dentro do Estado de Israel e vivem como cidadãos de 2ª classe. Outros ficaram presos na Cisjordânia, e outros na famosa Faixa de Gaza. Essas sete décadas e meia foram um verdadeiro inferno na Terra, Israel impôs uma das mais brutais ditaduras da história, que foi piorando ao longo

dos anos. Apoiados pelo imperialismo dos EUA, eles se armaram até os dentes e passaram também a servir de base para oprimir os outros árabes. Israel, na prática, virou uma base militar dos EUA em suas incontáveis guerras no Líbano, na Síria, no Iraque, no Irã, no Cuaite, etc.

Com o passar das décadas e o fortalecimento da luta do povo da Palestina, a política do sionismo tornou-se cada vez mais fascista. Para manter uma ocupação militar de um povo cada vez mais organizado e com as nações do Oriente Médio cada vez mais fortes, Israel se torna cada vez mais agressivo. Em 1950, quando já existia Israel, Gaza não era um campo de concentração, hoje não só se transformou nisso como a população está sendo exterminada. O sionismo, levado a suas últimas consequências, se transforma no próprio nazismo, não contra os judeus, mas contra os palestinos.

POR UM ESTADO DA PALESTINA LAICO, DEMOCRÁTICO E MULTINACIONAL!

Ante esse massacre permanente da população da palestina só há uma solução, o fim do Estado de Israel. O Estado sionista foi fundado com uma de suas bases a limpeza étnica, o genocídio da população nativa de palestinos. Não só isso, como a sua existência é uma afronta direta a todos os países do Oriente Médio, não só os países árabes, mas também a Turquia e o Irã. Essa estrutura precisa ser desmantelada, é preciso criar um Estado democrático que não seja uma base militar do imperialismo voltada para atacar os povos da região.

Essa proposta não é nova, também não é impopular. Ela já existia antes da própria criação do Estado de Israel, era a proposta do movimento de libertação da Palestina antes de 1948, inclusive dos judeus democráticos e de esquerda, que não seguiam o sionismo. Hoje ela também é a proposta dos judeus antissionistas, que são milhões. Esses judeus consideram o Estado de Israel um grande mal, pois coloca todos os judeus em perigo, tanto os de Israel por viverem em um estado de guerra permanente, quanto os que vivem em outros países, pois Israel faz uma ligação do judaísmo com um Estado opressor.

O Estado de Israel é semelhante ao que era a África do Sul no Apartheid, um Estado baseado na supremacia racial e religiosa que só existe com apoio do imperialismo. Da mesma forma que na África do Sul não adiantava derrubar um governo ou outro, era preciso derrubar o

Apartheid, em Israel é preciso por um fim ao sionismo. O fim do sionismo é justamente o fim do Estado de Israel e a criação do Estado da Palestina. Um Estado laico, multinacional onde possam viver todos os palestinos, inclusive os milhões de refugiados pelo mundo, e também a minoria de judeus que ainda desejam viver na Palestina.

O sionismo tem como proposta a guerra até o fim contra os palestinos. Mas os árabes são mais de 460 milhões, os israelenses judeus são apenas 7 milhões. É óbvio que o sionis-

mo levado às últimas consequências terminará com um banho de sangue em

Israel. Pelo contrário, a proposta antissionista é uma proposta que ainda permite que a guerra acabe, que as duas populações possam viver em paz. O quadro atual militarmente

pode ser muito ruim para a população de palestinos, contudo para Israel está ainda pior, sua existência está de fato ameaçada. É um momento crucial para se derrotar politicamente o sionismo.

O Estado de Israel é a guerra imperialista permanente. É a opressão dos palestinos, dos árabes, dos turcos, dos persas e até mesmo dos próprios judeus. O Estado da Palestina é o único caminho para o fim da opressão e da guerra. A criação de um Estado da Palestina, em todo o seu território, não seria apenas uma gloriosa vitória para os palestinos mas também para todos os povos do mundo.

